



01. A teologia é abordada no Período Medieval (600 – 1500 d.C.), no qual foi o apogeu do poder da igreja católica (romana). Refere-se ao conjunto de verdades a respeito de Deus. Os mandamentos supremos (divinos) são leis que regulam o comportamento, deles derivam todas as regras de conduta e convivência no vestuário e na construção de prédio. O homem moral é aquele que deve seguir as leis divinas, se ele não seguir, sua ação será em desacordo à norma – será uma ação imoral.

Resposta: B

02. Para Kant, o agir por dever é o modo de conferir à ação o valor moral; por sua vez, a perfeição moral só pode ser atingida por uma vontade livre e autônoma. O imperativo categórico no domínio da moralidade é a forma racional do “dever-ser”, ou seja, é a fórmula da ação racional boa e necessária.

Resposta: D

03. No livro *A Filosofia a Golpes de Martelo*, em seu estilo leve, mediante considerações ao mesmo tempo sumárias, profundas e penetrantes, Nietzsche dá sequência ao seu projeto e execução do filosofar a golpes de martelo, como ele mesmo expressa no subtítulo dessa sua obra. Tais golpes são dirigidos, em particular, aos conceitos de razão e moralidade preponderantes nas doutrinas filosóficas dos vários pensadores que o antecederam e seus compatriotas e/ou contemporâneos Kant, Hegel e Schopenhauer. O Crepúsculo dos Ídolos é nada mais, nada menos que a declaração de guerra de Nietzsche contra conceitos filosóficos e valores morais, sendo os primeiros, instrumentos ineficientes ou falsos para compreensão e nortearamento da humanidade e os segundos elementos aviltantes da natureza.

Resposta: D

04. Nietzsche escreveu vários textos críticos sobre a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo. Pretendia mostrar que qualquer discurso sobre a moral emerge de uma moral e a pressupõe. Com Nietzsche, a filosofia não se torna *amoral*, como alguns intérpretes erroneamente acreditam. Ela passa a ser o local da denúncia que proclama que não existe moral que não esteja enraizada numa compreensão metafísica do homem. A tese que anima essa busca pela origem da moral encerra a ideia fundamental de que todo discurso sobre a moral pauta-se na moral de uma época ou cultura. A moral reflete estruturas sociais, psicológicas e históricas do homem. Elevar uma moral, geralmente associada a um grupo, ao patamar de universal é uma maneira de impor um valor. Friedrich Nietzsche pretendeu ser o grande “desmascarador” de todos os preconceitos e ilusões do gênero humano, aquele que ousa olhar, sem temor, aquilo que se esconde por trás de valores universalmente aceitos, por trás das grandes e pequenas verdades melhor assentadas, por trás dos ideais que serviram de base para a civilização e nortearam o rumo dos acontecimentos históricos. E, assim, a moral tradicional (e, principalmente, a esboçada por Kant), a religião e a política não são, para ele, nada mais que máscaras que escondem uma realidade inquietante e ameaçadora, cuja visão é difícil de suportar. Nietzsche, portanto, criticou a religião e a moral que leva à revolta dos indivíduos inferiores, das classes subalternas e escravas contra a classe superior e aristocrática que, por um lado, pela adoção dessa mesma moral, sofre de má consciência e cria a ilusão de que mandar é por si mesmo é adotar essa moral.

Resposta: C

05. Na ética kantiana, dois conceitos são essenciais, a saber, a ideia de uma vontade boa e o imperativo categórico. São eles que possibilitam a moralidade da ação, na medida em que a vontade determina o motivo no agente moral e o imperativo categórico fornece o critério de correção da ação. Assim, o valor moral de uma ação não reside nela própria, mas no motivo que levou o indivíduo a praticá-la. Tal motivo deve consistir, unicamente, no respeito à lei moral, obtida a partir da razão e livre de quaisquer determinações empíricas, como as inclinações. O respeito ao dever, somente, é condição necessária para a atribuição de um valor moral genuíno a uma ação.

Resposta: A